

Estadão

Opinião

Colunas

Opinião

Entre o palanque e o quartel: Carlos Lacerda, a esquerda e a direita no Brasil

‘A esquerda queria mudanças, mas se perdeu na demagogia. A direita queria ordem, mas só conhecia a repressão’

Por Cláudio Gonçalves dos Santos

13/12/2025 | 03h06

Carlos Lacerda (1914-1977) foi um dos personagens mais fascinantes da história política brasileira no século 20. Jornalista combativo, eloquente, deputado polêmico, governador e conspirador ativo contra a ordem institucional, teve papel decisivo na derrubada de Vargas e de Jango. É em *Depoimento* – seu testamento político, gravado em 1976 e publicado em 1977 – que Lacerda revela uma nova face: crítica, autocrítica e profundamente desencantada com os rumos do País.

No centro desse relato está uma reavaliação de sua trajetória e das alianças que firmou ao longo da vida. Lacerda revê suas posições sobre a esquerda, que sempre enfrentou, e sobre a direita, da qual foi protagonista. O que emerge é uma crítica contundente a ambos os polos ideológicos e, sobretudo, à incapacidade das chamadas “élites

brasileiras” — civis, militares, empresariais e partidárias — de construir um projeto de país.

Sobre a esquerda, afirma: “Combatí a esquerda porque via nela o risco de um caudilhismo disfarçado de idealismo. Mas aprendi que o autoritarismo de farda é tão ou mais perigoso do que o de palanque.” Seu diagnóstico é que o populismo trabalhista de Vargas e Goulart buscava mudanças sociais, mas frequentemente se perdia na demagogia. Ainda assim, reconhece que a esquerda expressava demandas legítimas e tinha papel na democracia. “Os comunistas não me assustavam”, diz. “Assustava-me mais a incompetência da elite brasileira em promover justiça social.”

É ao falar da direita que Lacerda revela sua maior transformação: “A direita brasileira nunca teve projeto de país. Teve projeto de poder. E por isso, entregou-se sem pudor aos generais.” Rompeu com o regime militar que ajudou a instaurar em 1964, ao perceber que não haveria retorno à democracia. Critica a direita civil — empresários, tecnocratas e udenistas — por aderirem ao autoritarismo por medo e conveniência.

Lacerda não poupou Roberto Campos e Delfim Netto, dois ícones do regime. Para ele, Campos “fez do BNDES uma trincheira do capital estrangeiro”. Delfim, o “alquimista da ditadura”, fez o bolo crescer sem repartir. Ambos simbolizavam um modelo de desenvolvimento autoritário e excludente.

Ao longo do livro, Lacerda denuncia o conluio entre capital e poder. Admite seus erros: “Fui implacável com os corruptos quando era oposição. Mas o poder também me seduziu.” Reconciliado com JK e Jango, integrou a frente ampla em defesa da democracia. Ao fim, resume: “A esquerda queria mudanças, mas se perdeu na demagogia. A direita queria ordem, mas só conhecia a repressão.”

Seu *Depoimento* permanece atual: um alerta contra a polarização vazia, o autoritarismo eficiente e a ausência de compromisso com o povo brasileiro.

Opinião por Cláudio Gonçalves dos Santos

Economista, mestre em Finanças, conselheiro de administração, professor em cursos de pós-graduação, sócio da Planning.